



Agroecologia como estratégia contra o êxodo rural: o caso da AMAP - Chuchubio em Portugal

Agroecology as a strategy against the depreciation of the rural environment: The case of AMAP - Chuchubio in Portugal

PULIERO, Lara¹; SAIS, Isabelle²; SILVA, Vanessa³

¹Universidade Federal de Minas Gerais, larap.palhares@gmail.com; ²Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, isabellersais@gmail.com; ³Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, vanessajdasilva@hotmail.com.

Eixo temático: Economias dos sistemas agroalimentares de base agroecológica

Resumo: Portugal enfrenta, desde 1960, um processo de desruralização agravado pelo êxodo rural e o envelhecimento populacional, sobretudo no campo. Neste contexto, o presente trabalho busca compreender os impactos das questões supracitadas e propor, a agroecologia como alternativa viável, ao desenvolvimento territorial verdadeiramente sustentável, uma estratégia para o estreitamento das relações entre o campo e a cidade e, conseqüentemente, a promoção de maior coesão territorial. A proposição parte da observação da alta demanda por produtos orgânicos no país e sua conseqüente importação, dada a insuficiente produção local. O estudo de caso apresentado averba também como, com a agroecologia, a reocupação de espaços rurais ociosos de alta potencialidade pode promover uma efetiva valorização da terra.

Palavras chave: Produtos orgânicos; ruralidades; desenvolvimento sustentável.

Keywords: Organic products; ruralities; sustainable development.

Introdução

O êxodo rural, fenômeno de migração da população para os meios urbanos, acontece em escala global, acompanhando o crescimento da população, é resultado da maior oferta de serviços e oportunidades nos núcleos urbanos.

Sendo assim, mesmo em Portugal, de território 90% composto por área rural (PORTUGAL, 2019), este evento acontece. Frente a isto, a agroecologia ascende como uma promissora possibilidade, seguindo o exemplo do Brasil, dados os movimentos históricos, as inúmeras cooperativas de produtores independentes existentes no país e a importância que este sistema representa para comunidades envolvidas.

Para além de ações locais e individuais, a agroecologia é um dos caminhos para a sustentabilidade agrícola, de forma a remediar e evitar muitos dos danos resultantes da agricultura intensiva moderna, que abrangem desde a perda de biodiversidade, erosão e poluição do solo, da água e do ar até injustiças sociais, abandono de territórios e queda de produtividade de alimentos (MIGLIORINI et. al., 2018).



Essa opção foi a adotada pelo casal Olívia e José, produtores da associação Chuchubio, em Vila Nova de Gaia, Portugal. Sem nenhuma experiência na área agrícola, mas com imensa vontade de cuidar da terra e das pessoas, se dedicam ao campo, ao contato mais próximo com a natureza e um estilo de vida mais saudável. Segundo Olívia (2019), “Só tínhamos uma certeza: queríamos praticar uma agricultura que respeitasse a Natureza. Só assim fazia sentido! A opção pela produção em modo biológico era óbvia.”

Metodologia

O trabalho foi realizado através de consultas, entrevistas e observações diretas à integrantes da Associação para a Manutenção da Agricultura de Proximidade - AMAP ChuchuBio, durante o primeiro semestre de 2019. A associação possui dois pontos de encontro e distribuição entre produtores e consumidores associados: um localizado na cidade do Porto e outro em Vila Nova de Gaia (ambas localizadas no distrito de Porto, Norte de Portugal). A produção acontece em Vila Nova de Famalicão.

Outrossim, foram analisados dados estatísticos do Instituto Nacional de Estatística de Portugal - INE, Eurostat, entre outros órgãos e sites oficiais governamentais europeus para análise da evolução dos índices populacionais no campo e na cidade, juntamente com a revisão bibliográfica de artigos, livros e teses sobre agroecologia e demais temas correlatos. Para além da análise dos elementos supracitados, a metodologia contempla, ainda, um breve comparativo com alguns movimentos de agroecologia brasileiros, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, elucidando a potencialidade do sistema agroecológico em múltiplas escalas.

Resultados e Discussão

A Revolução Verde ascendeu a expectativa de disponibilidade de alimentos para toda a população através do avanço científico relativo à produção de alimentos, que introduziu as monoculturas, os aditivos e os alimentos geneticamente modificados. Entretanto, outros problemas surgiram com estas novidades e a fome persiste por questões políticas e econômicas. Tanto a Política Comum de Agricultura da União Europeia quanto as ações de conservação da rede de proteção de áreas naturais *NATURA 2000* surgiram para tentar remediar os danos e riscos desta agricultura contemporânea. Porém, observou-se insuficiente transformação dos espaços rurais.

A região do Mediterrâneo possui pontos positivos para a implementação da agroecologia, primeiramente por sua região bioclimática ser considerada um “*hotspot* de biodiversidade” (MIGLIORINI et. al., 2018, p.2), e também pelo seu tradicional estilo de vida saudável, com grande presença de alimentos naturais, orgânicos e poucos alimentos processados. Sendo assim, a emergência da agroecologia e da procura por produtos orgânicos na Europa apresenta-se como um grande potencial sociocultural, biofísico e econômico, com a vantagem de, atualmente, o continente ser um dos maiores mercados consumidores de produtos orgânicos no mundo. Com engajamento



de redes de colaboração, políticas públicas e organizações, percebem-se grandes chances de alavancar a transição para este modo produtivo.

No caso português, a procura por produtos orgânicos nos últimos anos é crescente e tem demanda superior à oferta de orgânicos produzidos nacionalmente. Já no final da década de 1990, 50% do que era consumido no país provinha de importações sobretudo da Alemanha, França e Reino Unido (TRUNINGER, 2010). De acordo com os dados do Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas (PORTUGAL - MADRP, 2004, p. 13) as unidades produtivas em modo de produção orgânica cresceram anualmente 32,9%, o que reflete a grande procura dos consumidores por esse tipo de produto, ainda assim, algumas dificuldades são encontradas no mercado. A distribuição das áreas de produção é, ainda hoje, um grande empecilho ao passo que, em muitos casos “as áreas de produção não coincidem com as áreas de consumo, o que acentua as dificuldades de distribuição, cujos impactos se fazem sentir nos preços finais ao consumidor e na desarticulação entre a produção, distribuição e *marketing* ao longo do circuito (TRUNINGER, 2010, p. 100). Há também poucos investimentos em culturas de risco (que têm rendimentos variáveis, ou lucratividade apenas a longo prazo), em formação técnica voltada para esse segmento e em pesquisas aprofundadas sobre a estrutura do mercado de produtos orgânicos portugueses. Um direcionamento de subsídios para o avanço de tais estudos se faz necessário para contribuir com a aceleração do desenvolvimento do setor de alimentos orgânicos nacional, assim como na preservação de sementes orgânicas.

Apesar dessas dificuldades, o incentivo a políticas de desenvolvimento da agroecologia e o mercado de produtos orgânicos têm obtido êxito em suas estratégias, o que pode, de fato, contribuir para o desenvolvimento do meio rural. A Chuchubio é um exemplo de como a reocupação dos espaços rurais poderia se desenvolver. Com uma área de produção de cerca 3 ha, eles produzem diversas variedades de hortícolas, frutas e ervas aromáticas. Fundada em 2012 pelas mãos do casal Olívia Silva e José Mendes, que decidiram abdicar de seus trabalhos em cargos corporativos para se dedicarem à agroecologia. Assim, deram início a um projeto de produção de hortofrutícolas certificados em modo de produção orgânico. Segundo Olívia, “não tendo qualquer formação na área da agricultura, o projeto iniciou com muita pesquisa, alguma formação e muitas experiências. Tudo se foi construindo lentamente, mas com muita motivação, dedicação e amor.” (SILVA, 2019). Tal fala exemplifica bem o conceito dos “neorurais” (SILVA; GROSSI, 2000, p. 171) que migram para o campo em busca de uma maior qualidade de vida. Essa mudança de mentalidade na sociedade é bastante positiva e está crescendo cada vez mais, seja por questões de saúde ou do próprio despertar das consciências.

A comercialização de seus produtos é feita através da AMAP – Associação para a Manutenção da Agricultura de Proximidade, que garante que consumidores e produtores criem maiores laços, fortalecendo estes mercados locais contribuindo para o fomento da agroecologia. Nas palavras de Olívia,



“enquanto alguns pensamos estar a ficar ‘atualizados’ por perceber que o BIO é melhor e mais saudável, outros percebemos que ainda estamos longe do caminho da Agroecologia, que vai muito para além do Biológico, mas tudo tem um princípio.” (SILVA, 2019).

Portanto, uma visão crítica dos conceitos se faz necessária, levando em conta a introjeção das mesmos pelo mercado com a finalidade de atrair o público engajado nas pautas de sustentabilidade e de alimentação saudável.

Para uma breve comparação do alcance que a agroecologia pode ter, destacam-se os acampamentos de reforma agrária presentes no Brasil, pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. A força do movimento é expressa pelo alcance de sua produção, sendo que, hoje, o MST é o maior produtor de arroz agroecológico das Américas, em sua maioria destinadas à alimentação escolar de dezenas de cidades de todas as regiões do país (MST, 2019). Além disso, o Brasil é o primeiro país a criar uma política de Estado específica para o incentivo à agroecologia e à produção orgânica (Decreto Presidencial nº 7.794, de 20 de agosto de 2012).

Levando em consideração a história do país, marcada por grilagem de terras e disputas territoriais, justifica-se a grande desigualdade existente hoje, assim como o intenso uso de agrotóxicos e plantio de monoculturas, reflexos expressivos do modelo de agricultura intensiva. Com isso, um grande movimento de resistência foi criado e se difundiu pelo território e, junto com várias discussões decolonizadoras, a agroecologia se tornou uma das pautas principais do movimento, visto que este objetiva retomar as identidades e saberes dos povos tradicionais brasileiros.

Uma das estratégias de difusão da filosofia agroecológica brasileira consiste na educação. Segundo Goris et. al. (2019), através de *workshops* e oficinas, iniciativas de movimentos sociais direcionadas para o público jovem ou o geral, a Educação de Campo, que apresenta conceitos desenvolvidos pelo filósofo e educador Paulo Freire, enfatiza “aspectos culturais e conhecimentos, assim como o engajamento dos alunos no processo de perceber a realidade não como algo estático, mas como algo em constante transformação, além de reconhecer o aprendizado como uma atividade política” (GORIS et. al., 2019, p. 1). Estas práticas possibilitam a identificação ideológica com as pautas da agroecologia, valorizando a cultura local e seu povo, além de incorporar os participantes como atores ativos do processo de mudança de sua realidade. Consequentemente, a mesma estratégia se estende para o consumidor, que deve ser educado para compreender sua importância como parte do processo, como Olívia demonstra em sua fala: “Podemos optar por conhecer os produtores locais, comprar-lhes os alimentos de forma direta, sem intermediários, e podemos ainda ajudá-los a tornarem-se produtores mais conscientes e a adotar uma agricultura mais agroecológica.”

Assim, podemos notar que a agroecologia promove uma transformação sólida, de forma endógena, ao se utilizar de



“[...] elementos de resistência locais frente ao processo de modernização, para, através deles, desenhar, de forma participativa, estratégias de desenvolvimento definidas a partir da própria identidade local do etnoecossistema concreto em que se inserem” (GUZMÁN, 1999, p. 2).

Em contraponto ao turismo, visto muitas vezes como uma saída para o esvaziamento do campo e que atua de forma exógena, criando relações superficiais que geram dinâmicas frágeis e de curta duração.

Conclusões

A agroecologia e todos os seus subtemas são uma interessante alternativa de enfrentamento do êxodo rural, visto que trabalham verdadeiramente com os residentes através da educação e do uso consciente do campo. Suas medidas, diferentemente de outras como o turismo, aprofundam as relações e fortalecem a relação produtor-consumidor.

A agroecologia, por buscar a sustentabilidade, respeita as dimensões culturais do lugar e, no caso do ingresso de pessoas ao meio rural, este sistema permite a integração desses indivíduos à comunidade local e aumenta o sentimento de pertencimento à comunidade, representando a possibilidade de permanência desses indivíduos no meio rural. Ainda, a interdependência com o meio urbano possibilita ainda maior coesão territorial. Assim sendo, o caso da AMAP Chuchubio consiste em um relato de luta e sucesso da integração pela Agricultura de proximidade.

Referências Bibliográficas

GORIS et. al. Resignification Practices of Youth in Zona da Mata, Brazil in the Transition Toward Agroecology. **Sustainability** 2019, 11, 197; doi:10.3390/su11010197

GUZMÁN, Eduardo Sevilla. **Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia**. Universidade de Córdoba, Espanha, 1999, p. 2.

MIGLIORINI et. al. Agroecology in Mediterranean Europe: Genesis, State and Perspectives. **Sustainability**, 2018, 10, 2724. pp. 23. doi:10.3390/su10082724.

MST. **Agroecologia e o MST**. Disponível em: < <http://www.mst.org.br/2018/10/24/agroecologia-e-o-mst.html> >. Acesso em: 15 mai. 2019.

MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/>>. Acesso em 3 mar. 2019.

PORTUGAL. **Instituto Nacional de Estatística de Portugal** - INE. Disponível em: < <https://www.ine.pt/> >. Acesso em 13 mar. 2019.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia

Ecologia do Saber e:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares

UFS

47^o
ANUÁRIO
2019



PORTUGAL - MADRP, Ministério da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas. (Org.). **Plano Nacional para o Desenvolvimento da Agricultura Biológica**. Lisboa: Portugal, 2004. 106 p.

SILVA, José Graziano da; GROSSI, Mauro Eduardo del. O Novo Rural Brasileiro. In: IAPAR. (Org.). **Ocupações Rurais Não-Agrícolas**: anais: oficina de atualização temática. Londrina: IAPAR, 2000, v. I, p. 165-173.

SILVA, Olívia. Entrevista concedida a Isabelle Caroline Ribeiro Sais, Lara Palhares Silva Puliero e Vanessa Juliana da Silva. Porto, 13 de maio de 2019.

TRUNINGER, Mónica. **O Campo Vem à Cidade**: Agricultura biológica, mercado e consumo sustentável. Lisboa: Ics - Imprensa de Ciências Sociais, 2010. 256 p.